



Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Eunápolis - BA ISSN
2179-2984

IDENTIDADE OU IDENTIDADES? Uma discussão sob o olhar da literatura Africana.

***Aldineto Miranda Santos**

Mestre em Letras: Linguagens e Representações. UESC

Licenciado e Especialista em Filosofia. UESC

Professor de Filosofia do Instituto Federal da Bahia

Resumo.

Compreender as identidades como diversas é compreender a impossibilidade de uma pureza identitária, entendendo a formação das identidades a partir de processos de dominação, resistência e negociação. Nesse processo a literatura, e em particular a literatura africana, surge como manifestação cultural que revela a riqueza das identidades construídas, bem como desvela a necessidade de compreensão da pluralidade cultural no *topos* Africano, e/ou melhor nas várias "Áfricas" considerando as várias realidades linguísticas, históricas e culturais.

Palavras-Chave; Identidade; Cultura; Literatura.

|Identity or Identities?

Abstract.

To understand identities as diverse is to understand the impossibility of a purity of identity, understanding the formation of identities from the processes of domination, resistance and negotiation. In this process literature, and in particular African literatures, emerges as cultural manifestations that reveal the richness of constructed identities, as well as reveal the need for understanding of cultural plurality in the African *topos*, and / or better in the various "Africas" considering the various realities linguistic, historical and cultural.

Keywords: Identity; Culture; Literature.

IDENTIDADE OU IDENTIDADES? Uma discussão sob o olhar da literatura

Aldinete Miranda Santos

INTRODUÇÃO:

A questão da identidade possui uma relação intrínseca com a noção de sujeito. Stuart Hall em “A identidade cultural na pós-modernidade” especifica como essa noção de sujeito, pouco a pouco vai sendo modificada a partir de novas configurações históricas e sociais.

O que define a identidade de um sujeito? A cor, o sexo, a classe social, a nacionalidade? Ou este conjunto de fatores? É possível inferir que num mundo globalizado, torna-se impreciso falar em identidade no singular; o plural, identidades, se manifesta com mais coerência para designar a identidade cultural nessa pós-modernidade, a qual está em busca de sua própria identidade.

Eis uma das questões: o que é pós-moderno? problema que não se esgota e que possibilita uma série de discussões, as quais a exiguidade da proposta deste texto não se propõe a discutir profundamente.

Ao tratar de identidades, em contraposição a identidade no singular, há uma solidariedade com as noções de sujeito discutidas por Hall; o autor afirma que esta designação sofreu modificações históricas. Inicialmente, para o iluminismo, o sujeito era o homem: ser autônomo, livre, aquele que desvenda a realidade, a qual é passiva e não atua sobre ele. A noção cartesiana de sujeito, como aquele que pensa o real e influencia sem ser influenciado, indivíduo que possuía uma identidade constante.

Tal noção “cai por terra” quando se pensa em sujeito sociológico, o qual vive o paradoxo constante entre o interior e o exterior. Mas, ainda assim, a noção de identidade está singularizada: o exterior - a cultura - vai contribuir decisivamente para a construção da identidade. No entanto, por conta da dinâmica social, várias mudanças sociais vão tornando difícil pensar em identidade. O conceito torna-se um problema a ser resolvido, pois a sociedade moderna muda constantemente. Assim sendo, Stuart Hall explica:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essência, permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”. Formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao

redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, pag.13)

A LITERATURA E A/S IDENTIDADE/ES

A literatura é uma forma de representar o mundo ou os mundos, nos quais os sujeitos vivem e convivem refletindo as identidades inerentes, ajudando também a construir novas identidades. Quando se refere à literatura africana, por exemplo, percebe-se que esta reflete a realidade justificando, apoiando, refletindo, questionando, e/ou resistindo. O texto de Inocência Mata: “A literatura Africana e a Crítica Pós-colonial” traz algumas reflexões interessantes sobre o processo de pós-colonialismo. Sabe-se que as literaturas africanas (faz-se questão de pluralizar para não simplesmente homogeneizar), possuem um ranço que está sedimentado em suas raízes. Raízes do que havia antes da colonização - as quais perduram como memórias que agora buscam emergir de forma intensa - e da pós-colonização, as quais trazem a marca indelével da imposição do jeito de ser do *outro*, e de seu olhar desdenhoso e indiferente, que trata os colonizados como objetos. A influência do *outro*, no processo de colonização, por vezes nefasta, faz com que haja, contemporaneamente uma série de tentativas de superar uma visão eurocêntrica e simplista no fazer literário. Contudo, paradoxalmente, a língua do *outro* é aproveitada e é a partir dela que ocorre este questionamento. Sobre a noção de pós-colonial Inocência da Mata afirma:

O pós-colonial pressupõe, por conseguinte, uma nova visão da sociedade, que reflete sobre sua própria condição periférica, tanto a nível estrutural como conjuntural. Não tendo o termo necessariamente a ver com linearidade do tempo cronológico, embora dele decorra, pode entender-se o pós-colonialismo no sentido de uma temporalidade que agencia a sua existência após um processo de descolonização e independência política – o que não quer, dizer a priori, tempo de independência real ou de liberdade, como prova a literatura que tem revelado e denunciado a internalização do *outro* no pós-independência. (MATA,2007, pag.39)

Mas o pós-colonial não é simplesmente anticolonial, é o espaço em que há o paradoxo entre a apropriação do colonial e sua negação. Nas palavras da autora citada, “ora em sinergia, ora em competição”. (MATA, 2007).

Todos estes dados influenciam na discussão inicial sobre identidade, na verdade a identidade aparece como construção constante, e no *topos* africano, em particular, esta

construção está borbulhando no meio de significados totalmente diferenciados, que ora se aproximam ora se negam. Afirma-se isto quando se pensa na questão da língua como forma de representar o real e a criação de novas realidades. Mia Couto especifica em seu ensaio, *E se Obama Fosse Africano*, que só em Moçambique existem mais de 25 línguas distintas e, no meio disto tudo há o português, a língua do colonizador, a qual já se tornou, no meio destas 25 línguas, também parte inerente à cultura moçambicana. Pense-se em 25 formas de representar a realidade! Tem sentido, neste caso em particular, de falar em identidade? Parece-nos logicamente compreensível que o termo identidades se aproxima bem mais ao que se está discutindo.

A língua portuguesa é adotada em Moçambique, especifica Mia Couto, como língua oficial diante de tantas outras. Esta língua, porém, não foi adotada como subserviência, mas como forma de garantir a unidade e a resistência, sem menosprezar a heterogeneidade. A mestiçagem se torna essencial e o faz modificando as identidades.

As culturas sobrevivem enquanto se mantiverem produtivas, enquanto forem sujeito de mudança e elas próprias dialogarem e mestiçarem com outras culturas. As línguas e as culturas fazem como as criaturas: trocam genes e inventam simbioses como resposta aos desafios do tempo e do ambiente. (COUTO, 2011, pag.16)

Mia Couto não nega as conseqüências nefastas do processo de colonização, mas salienta a tentativa de folclorização do que é africano, explicando que muito do que se proclama como africano é fruto de criações realizadas fora do continente. E especifica ainda:

Há tantas Áfricas quantos escritores, e todos eles reiventando continentes dentro de si mesmos. É verdade que grande parte dos escritores africanos enfrenta desafios para ajustar línguas e culturas diversas. Mas esse problema não é exclusivo nosso, os de África. Não existe escritor no mundo que não tenha de procurar uma identidade própria entre identidades múltiplas e fugidias. Em todos os continentes, cada homem é uma nação feita de diversas nações. (COUTO, 2011 pag. 23)

Fica evidenciado que os escritores africanos estão atentos ao problema da identidade, mas ao mesmo tempo, percebe-se nas palavras de Mia Couto, que também estão preocupados, em especificar que o problema da identidade e/ou da crise da identidade não é um problema especificamente africano, mas um problema que qualquer nação sofre, pois pensar a ideia de nação como algo puro, principalmente num mundo globalizado, é algo impensável.

Essa postura que se adota pelos autores, surge em contraposição, ainda que não

seja latente, sempre consciente, a uma literatura colonial que não considera a identidade como plural nem mesmo considera que o colonizado teria algum tipo de identidade. A literatura colonial, pois, baseia-se na ideia de que o colonizador possui uma identidade que deve ser imposta ao outro, o qual incivilizado precisa dessa civilização imposta. Este dado é bastante discutido por Francisco Noa em *Império, Mito e Miopia*

Um aspecto fundamental a reter, na conceptualização da literatura colonial, tem a ver com o facto de tanto os autores, através da visão do mundo que fazem prevalecer no texto, como os seus protagonistas não revelarem, em algum momento, qualquer crise em termos de identidade cultural. Portanto, no confronto com outras identidades, subsiste uma europeidade (portugalidade) inabalável. (NOA, 2002. pag.46)

É interessante notar que a literatura colonial, em sua reprodução e objetificação daqueles que são colonizados, via de regra, busca afirmar a visão eurocêntrica como única identidade possível. Defender uma pureza identitária significa estreitar a visão sobre as manifestações plurais no âmbito da cultura, tal como estrategicamente foi construída pelos agentes da colonização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se tecer algumas considerações sobre identidade utilizando como foco as literaturas africanas e a colonização nas “Áfricas.” Percebeu-se que a temática sobre identidade é uma discussão aberta. É interessante compreender que por estarmos vivendo nessa contemporaneidade (o conceito de contemporâneo abre possibilidade a várias discussões) é difícil se estabelecer na distância necessária para entender o momento atual. Principalmente no que tange à discussão sobre a colonização e a construção da identidade nas várias Áfricas. O que pode-se afirmar é que a identidade não é fechada e unívoca, daí que se postula o termo identidades, evidenciando as várias dimensões que fazem parte deste conceito que, tal como o presente texto, não se fecha numa simples conclusão, se mantém aberto a várias leituras e releituras.

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. **E se Obama Fosse Africano**. Companhia das Letras. São Paulo. 2011

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na Pós-modernidade**. Guaracira Lopes. Rio de Janeiro. DP&A: 2006

MATA, Inocência. **A literatura Africana e a Crítica Pós-colonial**. ED. Nzila. Luanda. 2007

NOA, Francisco. **Império, Mito e Miopia**. Ed. Caminho, Lisboa. 2002